

O hilota¹⁷ do Brasil

I

Quem és tu, irmão?

Tu, homem do povo, filho deste abençoado solo americano, o que és na terra de teu nascimento?

Um estrangeiro. Mais do que um estrangeiro, um servo.

És o hilota do Brasil.

Chamam-te cidadão brasileiro. É um escárnio daqueles que fizeram da cidade um ventre.

Para estes, cidadão quer dizer raiz donde se extrai a fécula para o bolo do orçamento.

Genuíno cidadão, no sentido nobre da palavra, só hás de ser quando afinal compreenderes que o governo foi criado para servir ao país e não para gozar dele.

Brasileiro sim és, e muitas vezes; mais do que desejavas.

Quando? Bem o sabes tu.

És brasileiro quando carecem de sangue para as tertúlias imperiais do Paraguai.

És brasileiro quando te escorre o suor, vintém a vintém, para encher a bolsa aos que tomaram o Império de empreitada.

És brasileiro quando te puxam pelas ruas de arma ao ombro e mochila às costas, com o rótulo de Guarda Nacional.

Quando te recrutam, prendem, humilham e despojam; então, sim, és brasileiro da gema.

Sofres tudo com resignação.

Mas se tens a veleidade de tomar ao sério o título, e queres intervir pela opinião ou pelo voto nos negócios deste país, que dizem teu, riem-te ao nariz.

¹⁷ *Hilota*: escravo que cultivava o campo em Esparta; pessoa aviltada.

Se pedes a instrução e o exemplo, pão e água para o espírito da liberdade, respondem com o privilégio e o monopólio, esses dois pesados alforjes que o pobre carrega para o rico.

Desengana-te, irmão; esta bela terra não é nossa, nem brasileira. Ainda pertence a Portugal; não deixou de ser colônia.

Que se vê a cada momento?

Enquanto vegetas aí num catre do hospital, cicatrizando as feridas ganhas em gloriosos combates e catando as migalhas de um soldo mesquinho, o capitalista luso e seus sócios projetam empresas que teu governo liberaliza para fartá-los do ouro amassado com o sal de teu corpo.

Enquanto por mero luxo, te obrigam a montar guarda aí na porta de alguma repartição, privado assim do parco salário, único recurso da família, o trabalhador português lá passa muito ancho¹⁸ de si, calcando com a pesada chancra¹⁹, essa terra que é sua quinta.

Para ele não há recrutamento, nem prisão, nem Guarda Nacional, nem júri; é livre como o ar; e senhor de seus narizes. Aqui vive como o vilão em casa de seu sogro, enquanto não se transforma em barão, e não volta ao ninho para ser par do reino.

E como não há de ser assim?

Teu imperador, em quarenta anos que tem felicitado este país nunca se lembrou de prescindir, em favor do mais ilustre cidadão brasileiro, da fútil e ridícula etiqueta do beija-mão.

Anciãos, veneráveis por suas virtudes e serviços; patriotas que tiveram por berço a independência; cidadãos nutridos com o leite suculento da liberdade, como Feijó, os Andradas, Vergueiro, Paula Sousa, Caravelas, Olinda, Abaeté, Itaboraí e tantos outros; eram pelo respeito à instituição obrigados a curvarem-se para tomar a bênção a uma criança.

Nunca essa criança coroada, nem mesmo depois que lhe começaram a escassear os cabelos sentiu a menor repugnância em receber essa homenagem imprópria de velhos que podiam ser-lhe avô, e eram os pais dessa pátria a quem todos, e ele primeiro, são os servidores.

¹⁸ *Ancho*: vaidoso; orgulhoso.

¹⁹ *Chancra*. Conforme o *Aulete*: “calçado grande e tosco”.

Mas apenas em junho deste ano²⁰, na sua viagem de triunfo, pisou a terra portuguesa, o espírito de sua mãe o penetrou até o âmago, como a Anteu²¹. Sentiu-se português até a medula dos ossos; português e bragantino que é uma quintessência do lusitanismo.

Querendo beijar-lhe a mão um qualquer marquês luso, retirou-as com vivacidade, declarando que ali era o igual de todos.

Ficaste sabendo, pois, que o trono deste Império, tão elevado para nós, povo brasileiro, a ponto de nos perder de vista, que essa eminência está justamente ao nível²² com a calçada do terreiro do Paço em Lisboa.

Depois disto não é para admirar que todos e tu mesmo te considerem um estrangeiro na tua terra; que à semelhança de certas mães, somente se lembram de ser pátria para aperrear os filhos.

Podem te espancar a ti, brasileiro, ninguém, a [não] ser tua família e amigos, se incomodará; sobretudo se não pertenceres a alguma [Aqui se interrompe o manuscrito]

²⁰ Alencar refere-se à chegada de d. Pedro II à Lisboa, em junho de 1871.

²¹ Anteu, ou o gigante mitológico cujas forças se exauriam quando erguido do solo.

²² *Livel*: o mesmo que *nível*.